



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

A ESCOLA E A INCLUSÃO

Vera Enilda Pautz Hepp

**PELOTAS, RS, Brasil
2010**

A ESCOLA E A INCLUSÃO

por

Vera Enilda Pautz Hepp

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial**.

**PELOTAS, RS, Brasil
2010**

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de Especialização.

A Escola e a inclusão

Elaborado por:

VERA ENILDA PAUTZ HEPP

como requisito parcial para obtenção do grau de

Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Ms. Tais Guareschi
(orientadora)

Ms. Andréa Jaqueline Devalle Rech
(examinadora)

Ms. Barbara Martins de Lima Delpretto
(examinadora)

PELOTAS, RS, Brasil
2010

REFLEXÃO

SE A ESCOLA FOSSE UMA ORQUESTRA

Se a escola fosse uma orquestra, seria possível ouvir-se a sinfonia da compreensão humana?

Como haver sinfonia se cada músico está com seu instrumento em um tom? Onde está o autor da sinfonia? Ou será que a orquestra é que não quer tocá-la?

A orquestra está desafinada.

E o maestro? Deve ser responsabilizado pelo insucesso?

E os ouvintes, por que não gritam?

Estão mudos?

Não; não sabem gritar.

Gritam, às vezes, buscando em outro músico o fracasso advindo do tom desafinado que emitem.

E você? Também é músico nesta orquestra?

A escola nunca será orquestra, se cada músico não se afinar. Os músicos devem interpretar a partitura da compreensão humana, para atender a cada ouvinte na sua individualidade.

Não basta simplesmente tocar.

A harmonia entre os músicos e os ouvintes é a compreensão, o respeito, a doação, o “assumir”, é a responsabilidade, o envolvimento com o trabalho.

Reaja diante da música. Se um tom soa-lhe desafinado, pare.

O ponto de espera é calmo e longo; com sua ajuda virá outra música. Com certeza será o início de uma verdadeira orquestra onde todos possam entoar a música da Paz, da Harmonia, da Colaboração, do Respeito Mútuo. (autor desconhecido)

“Pertencer é mais do que romper as barreiras dos rótulos, e dos estigmas produzidos na representação e no imaginário social; Pertencer é mais do que ter contemplados direitos à cidadania no âmbito jurídico-formal; Pertencer, é, pois, estar engajado, qual sujeito ativo da história; É exercer a condição de ator sem ser alvo da visão dualista que atribui à “diferença” a condição de anjo ou demônio, para garantir à média a condição de normais. Pertencer é estar no palco, sem ser herói ou vilão... “(PAULO RICARDO ROSS, 1999).

A Escola e a inclusão

Vera Enilda Pautz Hepp

RESUMO

O sujeito com déficit cognitivo foi percebido de diferentes maneiras no decorrer da história. Alguns eram até mesmo sacrificados ou tidos como possuídos por demônios. Com o passar do tempo a pessoa com déficit cognitivo passa, lentamente, a ser valorizada. Surgem então os movimentos pela inclusão, movimento em que a visão negativa sobre as pessoas com deficiência começa a mudar, e elas passam a ser vistas como sujeitos capazes que pertencem a sociedade. Nas escolas inicia-se a prática da inclusão dos alunos com deficiência, sendo que em uma escola inclusiva busca-se educar na diversidade, valorizando as diferenças. Este trabalho realizado em uma escola pública de Pelotas-RS, teve por objetivo analisar as opiniões de professores acerca da inclusão de alunos com déficit cognitivo. Foram entrevistados seis professores da escola. Na análise dos dados foi possível perceber que há certa insegurança por parte dos sujeitos participantes da pesquisa em relação à inclusão dos alunos com déficit cognitivo. Apesar dessa insegurança esses sujeitos apontam os benefícios da inclusão e evidenciam que apostam na capacidade de aprender desses alunos.

Palavras-chave: processo de inclusão, formação continuada, déficit cognitivo.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	7
2 – CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO	9
3 – REFERÊNCIAL TEÓRICO	11
3.1 – Integração e Sociedade	11
3.2 – A Inclusão e a Escola	12
3.3 – O Professor e a Inclusão	17
3.4 – Inclusão: Uma realidade	21
4 – CONCLUSÃO.....	23
5 – REFERÊNCIAS	25
6 – ANEXO	26

1- INTRODUÇÃO

Desde que ingressei na rede pública sempre me deparei com alunos com déficit cognitivo. O potencial que eu percebia nesses alunos me fez refletir muito sobre essa realidade. Convivi com grandes frustrações desses alunos por não conseguirem uma aprovação, em função, muitas vezes, do despreparo do profissional.

Em minha experiência como professora, pude observar que nem sempre os professores reconhecem o avanço no processo de construção da aprendizagem de um aluno com déficit cognitivo. Muitas vezes o professor não consegue perceber o aluno com deficiência como um sujeito com potencial, ou seja, como sendo um sujeito capaz de aprender.

Alguns professores preferem aqueles alunos que possuem a facilidade de compreender o conteúdo através de sua metodologia de ensinar sem muitas “modificações”, aqueles alunos que compreendem tudo logo na primeira explicação. Infelizmente para esses profissionais o bom aluno é aquele que permanece quieto o tempo todo, tem facilidade para decorar e não questiona.

Esses fatos sempre me entristeceram. Na busca pela formação continuada crescia uma certeza em relação aos alunos com déficit cognitivo: eles são capazes de aprender.

Atualmente trabalho em uma escola pública municipal, onde atuo na Sala de Recursos Multifuncionais no Atendimento Educacional Especializado (AEE). No meu trabalho tenho grandes vitórias com os alunos que possuem déficit cognitivo e que, em alguns casos, já foram rejeitados pelos colegas.

Os profissionais reclamam, muitas vezes, do despreparo para trabalhar com esses alunos com déficit cognitivo. Mas me pergunto de que preparo exatamente eles estão falando?

Na escola em que trabalho, acredito ter colegas preocupados com a inclusão e em como fazê-la, mas existem outros tantos que estão preocupados em como fazer os colegas fazerem à inclusão. Desse modo, nem todos os professores

estão realmente implicados no processo de inclusão. É triste, lamentável, mas é a realidade do meu trabalho.

As questões apresentadas até aqui me motivaram a realizar o presente trabalho sobre a inclusão de alunos com déficit cognitivo.

Esta pesquisa se propõe a analisar como a inclusão está acontecendo em uma escola da rede municipal de Pelotas-RS, local em que trabalho, verificando as opiniões de professores acerca da inclusão de alunos com déficit cognitivo.

Para essa pesquisa tracei como objetivos específicos:

- Analisar as opiniões dos professores sobre a inclusão de alunos com déficit cognitivo.
- Investigar como está acontecendo a inclusão de alunos com déficit cognitivo.

Os autores tratam desse assunto de forma abrangente e positiva, destacando os benefícios para os alunos, mas ao nos depararmos frente uma realidade adversa, percebemos que ainda existe uma distância relativa entre a teoria e a prática.

A escola inclusiva tem a tarefa de ensinar a todos os alunos, considerando as diferentes formas de levar a aprendizagem a termo. Da mesma forma o professor inclusivo deve levar em conta os interesses dos alunos e tudo isso demanda estudo, decisão com o grupo de professores, seleção de recursos didático-pedagógicos e uma boa metodologia de ensino.

Mas como será que os professores estão vendo a inclusão de alunos com déficit cognitivo? O aluno com déficit cognitivo está sendo respeitado em sua singularidade?

Essas são algumas questões que pretendo discutir neste trabalho.

Esta pesquisa foi realizada em duas partes: caminho da investigação e referencial teórico. Na primeira parte tracei o caminho percorrido para a investigação, ou seja, a forma como foi realizada e os sujeitos participantes da pesquisa. No referencial teórico procurei articular a teoria com as questões verificadas durante a pesquisa de campo. Dessa forma resgatei, nessa parte, um pouco sobre como a pessoa com déficit cognitivo foi percebida ao longo da história, abordei a questão da integração, da inclusão e a escola na atualidade e do professor e a inclusão escolar. Por fim, nas considerações finais, apontei aspectos relevantes acerca da inclusão de alunos com déficit cognitivo.

2-CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, utilizou-se como metodologia de pesquisa o estudo de caso. Esse estudo foi realizado em uma escola municipal da cidade de Pelotas-RS.

Fundada no dia dezenove de abril do ano de mil novecentos e vinte e quatro a escola recebeu o nome de uma rica empresária, a Dona Mariana Eufrásia. Essa empresária fez a doação do terreno que a população do bairro Fragata tanto solicitava para a construção de uma escola que atendesse as necessidades educacionais de seus filhos que até então não tinham tido a oportunidade de estudar por falta de uma instituição educacional.

A escola possui um índio como mascote, por ter sido fundada no dia do índio. Esse mascote recebeu o nome de Anairam, ou seja, o nome Mariana de trás para frente.

Atualmente a escola encontra-se bastante modificada e aumentada, sendo que recentemente recebeu algumas reformas arquitetônicas de acessibilidade.

Essa instituição encontra-se assim constituída (dados obtidos na primeira quinzena do mês de março de dois mil e dez): a escola atua em três turnos, manhã, tarde e noite. No turno da manhã possui duas turmas de quinta série, duas turmas de sexta série, duas turmas de sétima série e duas turmas de oitava série. No turno da tarde tem duas turmas de primeiro ano, uma turma de segundo ano, duas turmas de segunda série, duas turmas de terceira série e duas turmas de quarta série. No turno da noite tem duas turmas de quinta série, duas turmas de sexta série, uma turma de sétima série, uma turma de oitava série e duas turmas do PEJA (programa de educação para jovens e adultos).

A escola possui quinhentos e quinze alunos matriculados. O número total de funcionários é de vinte e três e de professores é de cinquenta e quatro.

A equipe diretiva é composta por uma diretora, uma vice-diretora, uma orientadora educacional, três coordenadoras e uma supervisora pedagógica.

O espaço físico da escola é composto por nove salas de aula, uma cozinha, um refeitório, um laboratório, uma biblioteca, uma sala de SOE, uma sala de

professores, quatro banheiros, uma sala de apoio pedagógico, uma sala de recursos multifuncionais, uma sala de informática, uma quadra de esportes, uma sala de coordenação, uma sala da direção, uma secretaria, um bar, uma despensa, uma sala de materiais esportivos.

A escola também trabalha com projetos como o do apoio (currículo e área) Mariana on-line, guarda de honra e banda escolar, Mariana ama seu ambiente, futsal na escola, raízes (capoeira), departamento de tradições gaúchas, literatura infantil (hora do conto) e oficina de aprendizagem musical.

Optei por desenvolver minha pesquisa nesta escola pelo fato de ser meu local de trabalho onde atuo como professora do Atendimento Educacional Especializado em uma Sala de Recursos Multifuncionais.

A fim de coletar os dados da pesquisa elaborei um questionário com seis perguntas sobre o processo de inclusão dos alunos (em anexo).

Participaram da pesquisa seis professores da escola. Desses sujeitos participantes cinco trabalham nas séries iniciais do ensino fundamental, sendo que todos possuem alunos com déficit cognitivo em sua turma. Dois professores atuam na primeira série, um na segunda série, um na terceira série e um na quarta série. O sexto sujeito participante da pesquisa realiza Atendimento Educacional Especializado na sala de recursos multifuncionais.

A proposta de responder ao questionário sobre a inclusão de alunos com déficit cognitivo inicialmente foi bem aceita pelos sujeitos participantes. Porém, no decorrer da tarefa percebi, por parte de alguns, certa insegurança e receio com as palavras que seriam escritas. Havia a preocupação em escrever palavras “adequadas” e não o que realmente pensam sobre o assunto (inclusão).

Percebi certa insegurança por parte de algumas professoras, uma maior segurança por parte de outras e preocupação de todas com a situação atual e com o futuro de todos envolvidos no processo de inclusão.

3- REFERENCIAL TEÓRICO

3.1-Integração e Sociedade

O sujeito com deficiência foi concebido no decorrer da história da humanidade de diferentes formas, sendo que as representações sobre essas pessoas eram bastante variadas. Na Grécia antiga, por exemplo, a perfeição do corpo sempre foi almejada e idolatrada e as pessoas com deficiência eram abandonadas e muitas vezes até mesmo sacrificadas.

Na Idade Média os deficientes eram vistos de duas maneiras. Ou eram percebidos como pecadores ou alguém que merecia caridade. A igreja apoiava a concepção de a pessoa com déficit cognitivo ser um castigo ou ser a possessão de um demônio.

Na Europa com a chegada do cristianismo aos poucos as pessoas com deficiência começaram a ser vistas de outra maneira e o abandono começa a ficar em desuso. Os desprotegidos, de maneira geral, eram recolhidos pelo atendimento assistencial.

Com o passar do tempo a igreja começa a perder sua influência os valores antropocêntricos ganham lugar e a valorização do ser humano tem seu início.

O homem passa a ser entendido como um animal racional há o surgimento do método científico, iniciam-se estudos em torno das tipologias de deficiências, a concepção de deficiência passa a decorrer do modelo clínico, empregando-se, assim, um caráter patológico, com medicação e tratamento. Motivados por esses ideários, algumas pessoas começaram a contribuir para o rompimento com as concepções que ligavam a deficiência ao misticismo. Assim, essa concepção passou a relacionar-se com o aspecto médico-pedagógico. Buscando-se as causas das deficiências, incorporando a essa pesquisas um caráter científico. Nessa perspectiva, procurou-se normalizar as pessoas com deficiência. (SILUK, 2008, p. 63)

Já na Idade Contemporânea, marcada pelas guerras, os sujeitos com deficiência deveriam produzir para a sociedade e na modernidade eles recebiam treinamento para render no mercado de trabalho, atuando em alguma atividade.

Observa-se então os discursos sobre a integração e mais tarde sobre a inclusão. Esses sujeitos passam, então, a serem integrados e incentivados a participar de grupos sociais.

Estudiosos e grandes líderes da época pregavam a naturalização das diferenças, sendo que a escola e a sociedade foram ensinadas sobre essa naturalização. Dessa forma, foi negado ao sujeito deficiente o direito de realmente ser diferente.

A sociedade até ofereceu as condições de integração, mas não ofereceu o direito de falar e se auto representar. Conforme fala de um professor entrevistado *“esses alunos sempre existiram, mas atualmente eles estão mais presentes, o que dificulta mais o trabalho do professor”*. (Professor N)

3.2-A Inclusão e a Escola

Na perspectiva inclusiva a pessoa com deficiência é entendida como um ser possuidor de sentimentos, inteligência e emoções como as demais. A partir da década de 90, passa a ser reconhecida como cidadã, inteligente, autônoma.

A inclusão é construir uma visão de homem e de aprendizagem humanas referenciadas em um processo que se dá pela experiência e vivência com a sociedade. Passa-se a entender que as relações que se estabelece social, cultural e historicamente com os outros seres humanos garantem a transformação de um ser biológico com características hereditárias de ser humano, sendo através disto que construímos nossas emoções, desejos, conhecimento, etc.(SILUK, 2008, p.78)

Nessa perspectiva, a pessoa com deficiência é um sujeito que pertence à sociedade e esta deve encontrar maneiras e meios de fazer sua inclusão social. Incluir esses sujeitos traz vários benefícios, tanto em termos de socialização quanto em termos de construção de aprendizagem. Constatação esta, feita também pelos sujeitos participantes desta pesquisa:

“Os benefícios são muitos, pois o aluno isolado não vai desenvolver seu potencial e na troca é sempre positiva” (Professor E).

“A inclusão realizada com responsabilidade pelas pessoas da escola possibilita a troca entre os alunos e uma melhor socialização” (Professor G).

“Os benefícios da inclusão para os alunos com déficit cognitivo são: elevação da auto-estima e confiança, inserção social, aumento da criatividade e satisfação pessoal” (Professor T).

“Os benefícios são amplos. Desde a saída de casa até a escola, o aluno está vivenciando coisas diferentes. Na escola ele sente os colegas, observa, com suas limitações, mas ele sempre está aprendendo com que está a sua volta. Basta lhes dar atenção”. (Professor M).

“Certamente, a inclusão é benéfica no sentido em que proporciona um maior desenvolvimento do aluno, a começar pelo social até a melhora na capacidade de raciocínio” (Professor L).

“Tem mais condições de avançar, pois o grupo é essencial para seu crescimento” (Professor N).

A inclusão é possível, mas é preciso o comprometimento e o envolvimento de todos os atores do cenário educacional, onde todos buscam juntos alcançar um mesmo objetivo: a inclusão de todos alunos no ensino regular.

Para Siluk (2008):

O propósito maior é a inclusão na escola. Assim teremos, independentemente de raça, gênero, sexo, classe ou necessidades educacionais especiais, todas as crianças no ensino regular. Ainda que este princípio sofra sérias resistências, é o desafio a ser enfrentado para que todos os alunos aprendam juntos, respeitando a diversidade. Respeitar os direitos de igualdade e de oportunidades, na busca pela identidade é o objetivo da inclusão, para tanto a educação assume caráter socializador e democrático, aberto à pluralidade. O convívio com a diversidade possibilita a construção de relações fundadas no respeito à diferença, à identidade, à singularidade de todos os sujeitos, promovendo assim uma educação de qualidade. (SILUK 2008, p.99)

O conceito de inclusão é bem mais amplo do que o conceito de integração. A concepção de deficiência sofre mudanças, ou seja, ela deixa de ser o foco de análise e o sujeito com deficiência passa a ser valorizado, apostando-se em seu potencial e suas reais possibilidades de sucesso no campo educacional. Para que a inclusão aconteça realmente, antes devem ocorrer algumas mudanças na sociedade em geral.

(...) faz-se necessária uma mudança na escola, na família, e na sociedade. Ou seja, não é mais a pessoa com necessidades educacionais

especiais que deve ser reabilitada, treinada ou quem deve adquirir condições adequadas para então ser inserida na escola e no convívio com os demais. É preciso buscar que a escola e a sociedade se tornem inclusivas e percebam a riqueza que existe na diversidade. Toda e qualquer pessoa aprende e se desenvolve melhor num ambiente diversificado.

(SILUK, 2008, p.96)

A inclusão pode acontecer de forma lenta, mas, às vezes é necessário um tempo maior para que ela aconteça de forma efetiva. Em nossa escola buscamos a cada dia construir uma prática inclusiva, em que a diversidade seja aceita e valorizada. A fala de um dos sujeitos participantes da pesquisa evidencia que a inclusão é um processo que necessita de trabalho e dedicação. *“Muitos alunos apresentam problemas, acabam até reprovando, mas devido ao esforço e dedicação, alguns aprovam e sentem-se satisfeitos com a vitória”* (Professor T).

A escola necessita agora de um posicionamento em relação à política de inclusão e também deve assumir sua posição frente ao compromisso assumido com uma educação de qualidade para todos os alunos, com ou sem deficiência onde deverá desenvolver uma formação consciente e crítica, promovendo e definindo práticas e interações inclusivas.

É na elaboração do projeto político pedagógico que a escola se posiciona em relação à política de inclusão e em relação a seu compromisso com uma educação de qualidade para todos os alunos, favorecendo interações sociais, definindo práticas inclusivas e promovendo a formação crítica e cidadã. Na presunção de que a construção do projeto político pedagógico se dê de forma democrática e participativa, através da mobilização e discussão por parte de toda a comunidade escolar, a organização da escola inclusiva torna-se um processo viável. (SILUK, 2008, p.96)

Agora a escola precisa encontrar meios e maneiras de fazer um bom planejamento que contemple a todos. A necessidade de uma reorganização é clara e urgente e não deve procurar saídas paliativas. Envolver tipos de adaptações de currículos entre outras não vai desenvolver a emancipação intelectual do aluno. A escola deve dar toda a ajuda possível e o respaldo necessário ao professor orientando o mesmo nesta nova realidade nas escolas. A inclusão é bem mais que adaptação de currículos, pois somente isso não garantirá o sucesso do processo.

Tais práticas adaptativas funcionam como um regulador externo da aprendizagem e estão baseadas nos propósitos e procedimentos de ensino que decidem o que falta ao aluno de uma turma de escola

comum. Em outras palavras, ao adaptar currículos, selecionar atividades e formular provas diferentes para os alunos com deficiência e/ou dificuldades de aprender, o professor interfere de fora, submetendo os alunos ao que supõe que elas sejam capazes de aprender. Na concepção inclusiva a adaptação ao conteúdo escolar é realizado pelo próprio aluno e testemunha a sua emancipação intelectual. Essa emancipação é consequência do processo de auto-regulação da aprendizagem, em que o aluno assimila o novo conhecimento de acordo com suas possibilidades de incorporá-las ao que já conhece. ... Ensinar é um ato coletivo, no qual o professor disponibiliza a todos alunos, sem exceção, um mesmo conhecimento. Ao invés de adaptação e individualizar / diferenciar o ensino para alguns, a escola comum precisa recriar suas práticas, mudar suas concepções, rever seu papel, sempre reconhecendo e valorizando as diferenças. (GOMES, 2007, p 17)

No projeto político pedagógico deve estar claro o compromisso da escola com o êxito no processo de ensino e aprendizagem, a escola deve prover recursos pedagógicos necessários.

A instituição educacional deve se organizar para o atendimento de pessoas com necessidades educacionais especiais mediante a elaboração de projetos pedagógicos orientados pela política de inclusão.

A inclusão sugere a imagem de uma escola em movimento, em constante transformação e construção, de enriquecimento pelas diferenças. Esse movimento significa mudanças de atitudes, constante reflexão sobre a prática pedagógica, modificação e adaptação do meio, uma nova organização da estrutura escolar. (BRUNO, 2006, p.14)

O movimento pela inclusão nem sempre é fácil. A inclusão é um processo em vias de construção que desafia os profissionais da educação. Nas falas apresentadas abaixo, os professores falam sobre as dificuldades que encontram nesse processo.

“Penso que a maior dificuldade seja a falta de um atendimento e as práticas pedagógicas pensadas de forma homogêneas na escola, não tendo assim um olhar para as diferentes formas de aprender dos alunos” (Professor G).

“Muitas vezes boa vontade só não basta, teríamos que ter monitores para auxiliar os professores, mas essa é uma idéia que acredito ainda vai demorar muito para acontecer, enquanto isso salve-se quem puder porque a luta é bastante difícil”.
“Para mim as dificuldades enfrentadas na inclusão de alunos com déficit cognitivo são: a falta de pessoas capacitadas para receber estes alunos e também que queiram se capacitar” (Professor L).

“São crianças tão maravilhosas que elas não cobram essas dificuldades encontradas na escola, como coisas materiais. Para elas o mais importante é o carinho, o amor e a compreensão recebidas das pessoas que estão a sua volta” (Professor M).

“A falta de recursos para a realização de um bom trabalho, dificulta muito o acesso e permanência do aluno na escola” (Professor N).

Observando as falas dos sujeitos participantes, percebe-se a necessidade de uma política clara de inclusão, com recursos materiais e humanos. Mas também fica clara a necessidade de o professor se comprometer com a prática inclusiva, apostando que todo aluno é capaz de aprender.

O projeto pedagógico para a diversidade se constitui em um grande desafio para o sistema educativo como um todo, que deve pensar a aprendizagem não apenas na dimensão individual, mas de forma coletiva. Essa é a função social da escola, manifesta nas formas de interação entre pessoas, escola, família e comunidade. Assim, as crenças, as intenções, as atitudes, as prioridades dos alunos com necessidades educacionais especiais deverão ser discutidas pela comunidade escolar e inscritos no projeto pedagógico para a diversidade. (BRUNO, 2006, p. 16)

O projeto político pedagógico deve discutir a importância dos currículos não estarem apenas preocupados ou centrados na diversidade, mas sim centrado na diferença. A pedagogia e o currículo devem buscar problematizar a identidade e a diferença.

O mundo é heterogêneo e o encontro com o diferente se torna inevitável e essa questão deve ser motivo de preocupação pedagógica e curricular. A escola inclusiva deve criar novo arranjo pedagógico, diferentes estratégias de ensino para todos. Essa instituição como um todo, é que deve se modificar para que o aluno possa se desenvolver e aprender.

As crianças com qualquer deficiência, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, cognitivas ou emocionais, são crianças que tem as mesmas necessidades básicas de afeto, cuidado e proteção, e os mesmos desejos e sentimentos das outras crianças. Elas têm a possibilidade de conviver, interagir, trocar, aprender, brincar e serem felizes, embora, algumas vezes, de forma diferente. Essa forma, diferente de ser e agir é que as tornam seres únicos, singulares. Elas devem ser olhadas não como defeito, incompletude, mas como pessoas com possibilidades diferentes, com algumas dificuldades, que, muitas vezes, se tornam desafios com os quais podemos aprender e crescer, como pessoas e profissionais que buscam ajudar o outro. (BRUNO, 2006, p.20)

O ser humano se desenvolve e se organiza conforme as condições que dispõe. Essa organização, o meio e as pessoas podem fazer toda a diferença no desenvolvimento da criança com deficiência. Por exemplo, uma criança que dispõe de recursos terá melhores condições de se desenvolver, já aquela que vive uma realidade com menos recursos pode ter mais dificuldade para se desenvolver. A instituição escolar é então, um recurso importante para esta criança.

3.3-O Professor e a inclusão

No processo de inclusão alguns pontos devem ser revistos. Não é só o projeto político pedagógico bem elaborado que garantirá sucesso ao processo. A atuação do profissional é que fará toda a diferença nessa caminhada da inclusão.

Os profissionais da educação devem perceber a importância que é para esse aluno o acolhimento na escola e sentir que percebem o seu crescimento em relação a construção da aprendizagem.

O professor deverá apostar na capacidade de aprender destes sujeitos. Conforme fala dos colegas percebe-se a importância do professor neste processo.

“O adulto ‘dito normal’ tem que entender que dentro das limitações desse aluno ele está sempre aprendendo, ele observa o que está a sua volta. Cada um deles tem seu limite, são diferentes na maneira de aprender, de compreender, de viver. Depende do adulto que trabalha com ele, respeitando e aceitando o seu limite naquele momento” (Professor M).

O professor que trabalha com a inclusão deve, antes de qualquer coisa, procurar entender seu aluno, sua maneira de entender as coisas que o cercam, sua maneira de aprender é bem particular e essa percepção dessa particularidade por parte do professor é que fará toda a diferença no processo de aprendizagem desses alunos.

“O aluno que apresenta déficit cognitivo com certeza possui um ritmo mais lento de aprendizagem, mas é capaz de aprender. Ele necessita de atenção e carinho como qualquer outra pessoa considerada “normal”. Se for estimulado poderá desenvolver de forma satisfatória suas habilidades” (Professor T).

O aluno aprende como os demais. Seu ritmo pode ser mais lento, mas isso não faz dele um sujeito incapaz de aprender.

“A criança com déficit cognitivo é bastante difícil, pois ela possui caminhos diferentes para atingir assimilação e compreensão de conteúdos e às vezes o papel do professor é de extrema importância dentro deste processo para chegar a esse caminho que depende sempre de um atendimento individual e muitas vezes o professor não consegue chegar a esse caminho”. (Professor L).

O papel do professor não é mais de só transmitir conhecimentos, antes disto deve descobrir como se dá esse processo em seu aluno para daí desenvolver o potencial do mesmo. Isso pode não ser fácil nem rápido, mas é possível.

“É um aluno que aprende em seu ritmo e necessita que o professor entenda sua forma de pensar durante o processo ensino aprendizagem” (Professor G).

“Ele tem seu próprio tempo para o processo de aprendizagem, mas é tão capaz como os demais” (Professor N).

“Lenta, mas não impossível” (Professor T).

Percebe-se que os profissionais da educação já perceberam muitos fatores importantes no processo de aquisição do conhecimento de alunos com déficit cognitivo, sendo este um fator indispensável para o sucesso na escola.

O preparo teórico é fundamental para que o professor tenha um bom desempenho em sala de aula, mas só a teoria não é mais suficiente para atender os alunos, de diferentes realidades, que buscam, na escola, uma formação para uma qualidade de vida, onde aprendam a ser parte da sociedade, com crescimento e valorização.

Os conhecimentos teóricos, apesar de sua importância e de sua relevância, são insuficientes quando confrontados com as exigências do processo ensino-aprendizagem. A formação de professores deve colocar ênfase na investigação e no questionamento suscitado pela articulação entre a teoria e a prática, cujo movimento ação-reflexão traduz-se em transformações que avançam na direção de melhores formas de compreensão do fenômeno educacional e da busca de soluções para os problemas encontrados no cotidiano escolar, marcado pela imprevisibilidade, pelo múltiplo, pelo plural. (OLIVEIRA, 2008, p. 244)

O processo ensino-aprendizagem não é algo estático, onde o professor uma vez formado está preparado para toda a diversidade que lhe está esperando na escola. O ensino é algo que está em constante movimento, em constante crescimento e em constante evolução.

Esse fato é de extrema relevância, pois se o ensino-aprendizagem não é estático, é necessária uma constante busca pelo conhecimento.

Alguns professores ainda resistem a essa nova maneira de ver e respeitar os alunos com diferentes maneiras de aprender, se negando inclusive a fazer uma formação continuada. É bastante preocupante o fato de profissionais negarem-se, a aceitar um aluno com deficiência, alegando haver na escola pessoas preparadas para isso. O aluno com deficiência não pode ser visto apenas como aluno de determinada professora e, sim, como aluno de toda a escola.

A negação e a não aceitação de fazer uma formação continuada acaba sobrecarregando os colegas que se dispuseram a estudar para aprender como lidar com essa diversidade. Essa é uma realidade que infelizmente ainda existe em algumas escolas, onde comentários são feitos a esse respeito sem constrangimento nenhum e onde se ouvem as frases: Não sei como lidar com esse aluno! Não estou preparada para isso!

Os professores reagem inicialmente ao trabalho da escola, que se encontra organizada coletivamente, desprezando a possibilidade de uma educação continuada em serviço, por meio de encontros sistemáticos para este fim, porque entendem que sua formação em instituições acadêmicas, já lhe permite adquirir conhecimentos suficientes para desenvolver seu trabalho profissional. Com isso, não reconhecem a escola enquanto espaço de formulação e reformulação da prática pedagógica. (OLIVEIRA, 2008, p. 288)

Os professores não podem viver e praticar uma pedagogia desconectada da realidade do cotidiano escolar.

Muitas vezes é até mesmo a rotina da escola que não permite, ou dificulta a conexão do professor com a realidade escolar e com a realização de um bom trabalho envolvendo a todos no processo de ensino-aprendizagem num trabalho escolar coletivo. Muitos professores não conhecem a realidade de seus alunos devido ao corre-corre do dia a dia ou por regras impostas pela escola como a de não deixar os pais entrarem no portão da escola quando levam seus filhos para a aula. O que os professores sabem da realidade de seus alunos muitas vezes se limita ao que a orientadora educacional passa para os mesmos. Não que essas informações não sejam válidas, mas se perde muitos fatos importantes nessa distância da família.

Sabemos, por outro lado, que paralela à competência, a prática do professor muitas vezes é limitada em relação a rotina da escola. Daí a necessidade de se sedimentar conhecimentos, que facilitarão o desempenho profissional, em consonância com o plano pedagógico coletivo da escola. Plano este que precisa dar conta das diversidades existentes hoje, considerando que a escola inclusiva aposta em um currículo centrado no aluno, como forma de ajudá-lo a superar suas dificuldades. OLIVEIRA, 2008, p.289)

Para que haja sucesso na prática pedagógica deve antes haver um esforço coletivo de todos os profissionais da escola. Não se pode esperar que o professor faça tudo sozinho. A escola é um todo, e, portanto deve agir como tal. Ou seja, o esforço deve ser coletivo e o sucesso também.

Conforme fala de um professor: *“Minha principal preocupação é o seguimento do meu trabalho na série seguinte”* (Professor N)

A preocupação dos professores, conforme relato do Professor N é o seguimento do trabalho iniciado com um aluno com déficit cognitivo. O professor da série seguinte deve dar prosseguimento ao trabalho iniciado. Para que não se percam as conquistas já alcançadas.

A escola parece ainda estar um pouco confusa sem saber como realmente trabalhar com diferentes estilos de aprendizagem dos seus alunos.

Muitas vezes a escola sem saber o que fazer com o novo ignora-o. Os profissionais da escola, muitas vezes, angustiam-se frente aos alunos com déficit cognitivo, pois não sabem lidar com essa nova realidade. E resistências sempre acontecem, conforme explicita a fala do professor M.

“Algumas resistências sempre se encontra por parte de alguns professores. Talvez seja cansaço do dia a dia. O perigo, nesse caso, é traumatizar ou rotular outras crianças como deficiente também. Qualquer coisinha que o aluno faça já é um aluno problemático. Isso é perigoso”.

Nem sempre os professores não têm paciência em trabalhar com um aluno um pouco mais “ativo” e acabam rotulando o mesmo como deficiente, mas na verdade isso pode ser reflexo da dificuldade de educar na diversidade.

3.4-Inclusão: Uma realidade

A inclusão é uma realidade. Então, a escola necessita pensar em como fazer e o que fazer para atender essa nova clientela com diferentes interesses. Cada aluno faz parte de um determinado grupo social e esse é regulamentado por regras e tradições, que necessitam de observação por parte dos profissionais da educação para, assim, em conjunto vencer as incertezas e os medos e também em conjunto assumir o compromisso e alcançar o sucesso.

Diante desse compromisso, é preciso que o trabalho de Educação Inclusiva vá sendo implantado gradualmente, para que tanto a Educação Especial, quanto o ensino regular, possam ir se adequando a esta nova realidade, construindo políticas, práticas institucionais e pedagógicas que garantam a qualidade de ensino não só para os alunos portadores de necessidades educacionais especiais, como para todo o aluno do ensino regular. (OLIVEIRA, 2008, p. 277)

A inclusão é a percepção de que cada um desses alunos tem sua própria maneira de aprender, de compreender e de viver. O professor não deve se resignar argumentando que a escola não está preparada para receber esses alunos. A inclusão exige um movimento por parte dos profissionais da educação. Esse processo tem início com a aceitação desses alunos e a disposição para ensinar respeitando seu estilo de aprender.

Com certeza não será uma sala de aula bem equipada com todos os recursos materiais que garantirá uma efetiva inclusão.

Os recursos materiais são necessários, mas se não houver a dedicação do profissional e o desejo de fazer a inclusão acontecer de nada adiantam.

O professor é a peça fundamental no processo de inclusão, devendo ser comprometido, mas sempre recebendo o respaldo de toda a equipe diretiva. O trabalho iniciado em uma determinada turma com determinados alunos deve ter continuidade no ano seguinte com outro colega. Não pode haver uma interrupção no trabalho iniciado para não haver perdas nas conquistas e avanços já conseguidos por estes alunos e professor.

É necessária, portanto uma ação em conjunto de todos envolvidos no processo educacional, uma ação dos vários atores que buscam um mesmo objetivo que só será alcançado se todos trabalharem em sintonia.

A escola necessita, portanto adequar-se ao aluno, providenciando meios e recursos que garantam efetivamente a sua aprendizagem, entendendo ser função dela essa garantia. (...) É esta concepção de escola, enquanto espaço social que precisa ser criada, e é nela que precisam estar presentes a ousadia, a criatividade, os sonhos e as diferentes falas, ou seja, é preciso criar uma escola que acredita nas possibilidades de seus alunos. (OLIVEIRA, 2008, p. 278)

A inclusão visa garantir o acesso a todos os alunos à escola, levando a sociedade a criar relações de acolhimento à diversidade humana e a aceitação das diferenças entre os indivíduos.

“Tenho a convicção de que, com o entrosamento na turma, são capazes de aprender de forma quase igual aos demais. Muitos alunos apresentam dificuldades, isso é comum na sala de aula. Portanto acho válida essa inclusão”. (Professor T)

Pelas falas observadas dos sujeitos colaboradores, percebe-se que a inclusão está acontecendo. Parece haver certa insegurança por parte de alguns professores, mas com o tempo e com outros colegas aceitando a inclusão, este processo com certeza acontecerá de maneira satisfatória, como realmente deve ser.

4-CONCLUSÃO

A escola tradicionalmente, é marcada em sua organização geral por critérios que selecionam e tem como base uma educação homogênea, o que acaba rotulando alguns alunos. Muitas vezes, se espera que todos aprendam ou realizem uma mesma atividade em um mesmo tempo.

O aluno que não se enquadra nesse ideal de homogeneidade pode acabar à margem da escolarização.

A escola tradicional, até então, seletista, precisa mudar sua maneira de pensar e agir. A transição de uma escola tradicional para uma escola inclusiva consiste em um processo nada simples de mudança, em que a política deve ser clara e orientada pelo princípio da inclusão.

A construção da educação inclusiva exige mudanças que envolvem o sistema educacional como um todo. A transição para a inclusão nem sempre é bem aceita ou bem entendida.

Quando as pessoas já estão habituadas aos sistemas seletistas, discriminatórios e com ideais homogêneos de aprendizagem, ou quando os profissionais da educação se sentem inseguros frente à diversidade da escola podem apresentar forte resistência a uma nova maneira de ver e agir na educação.

A conclusão da pesquisa deixa transparecer uma insegurança no momento atual e uma dúvida com o futuro, mas se a inclusão fosse feita, com o total envolvimento de todos os profissionais de uma escola, com certeza não haveria esse sentimento de sobrecarga que muitos colegas sentem no momento. Apesar dessa insegurança, os sujeitos participantes da pesquisa apontaram os benefícios da inclusão de alunos com déficit cognitivo. Além disso, evidenciaram que apostam na capacidade de aprender desses alunos, considerando suas especificidades.

A escola deve fazer seu papel por completo amparando quem já ensina na diversidade e incentivando os demais a fazerem o mesmo, pois considerar e valorizar as diferenças é premissa básica para a inclusão.

O avanço em direção a inclusão é possível e esse mesmo movimento aponta para uma nova visão de educação. Educação esta, que recupera seu caráter democrático com a adoção do compromisso de educação de qualidade para todos.

Ofertar uma educação que assegure participação e aprendizagem de qualidade para todos os alunos não apenas exige o desenvolvimento da escola como um todo, mas é imprescindível que o processo de melhoria da escola se traduza em mudanças concretas na maneira de conduzir o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula.

Um ambiente escolar baseado em relações de aceitação, respeito e valorização das diferenças, entre professores, alunos e pais, é condição necessária para atingir o objetivo de uma educação inclusiva que contemple a diversidade. O resultado educacional é o que definitivamente expressa a qualidade da educação e a capacidade que a escola tem, ou não, de potencializar a aprendizagem de todos e de cada um dos alunos.

REFERÊNCIAS:

BRUNO, Maria M. G. **Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão**. BRASÍLIA, DF: MEC, 2006.

GOMES, Adriana L. L. **Deficiência Mental**. São Paulo, SP: MEC / SEESP, 2007.

ROSA, S. P. DELOU, C. M. OLIVEIRA, E. G. **Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Inclusão**. Curitiba, PR: IESDE BRASIL S.A., 2008.

SILUK, Ana C. P. **Déficit Cognitivo E Educação de Surdos: módulo 1**. Santa Maria, RS: UFSM, CE, 2008.

ANEXO

QUESTIONÁRIO¹

- 1 - QUAL É SUA OPINIÃO SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO?
- 2 - FALE SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO EM SUA ESCOLA:
- 3 - QUAIS OS BENEFÍCIOS DA INCLUSÃO PARA OS ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO?
- 4 - PARA VOCÊ, QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DÉFICIT COGNITIVO?
- 5 - O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A APREDIZAGEM DO ALUNO COM DÉFICIT COGNITIVO?
- 6 - QUAL É O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO?

¹ - Questionário respondido por professores da Escola Dona Mariana Eufrásia.